

**SEÑOR MÍO DON DIEGO:
os manuscritos íntimos e apaixonados de Frida Kahlo**

Paulo Cesar Fachin¹

RESUMO: *A arte de escrever cartas é um terreno muito fértil para pesquisas relacionadas às escritas de si e estudos literários no contexto latino-americano. Na correspondência de Frida Kahlo, é possível encontrar fragmentos isolados que se relacionam e estão coerentes entre si, além de desenhos e rabiscos que, nas cartas, trazem a confissão de seu sentimento e certo grau de dependência de sua arte e de Diego Rivera. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da correspondência deixada pela pintora mexicana, por meio de cartas que, assim como muitos dos retratos e autorretratos, expressam os sentimentos da artista que se relacionam com detalhes íntimos de sua vida, revelando e tornando pública essa intimidade. Para as discussões fizemos uma revisão bibliográfica considerando os pressupostos teóricos de Perrone-Moisés (2000), Tin (2005) e Rodrigues (2015).*

PALAVRAS-CHAVE: *cartas; Frida Kahlo; correspondência; Diego Rivera.*

RESUMEN: *El arte de escribir cartas es un terreno muy fértil para investigaciones relacionadas a las escritas de sí y estudios literarios en el contexto latinoamericano. En la correspondencia de Frida Kahlo, es posible encontrar fragmentos aislados que se relacionan y están coherentes entre sí, además de dibujos y garabatos que, en las cartas, traen la confesión de su sentimiento y cierto grado de dependencia de su arte y de Diego Rivera. El objetivo de este trabajo es hacer un análisis de la correspondencia dejada por la pintora mexicana, a través de cartas que, así como muchos de sus retratos y autorretratos, expresan los sentimientos que se relacionan con detalles íntimos de su vida, revelando y tornando pública esta intimidad. Para las discusiones hicimos una revisión de la bibliografía considerando los supuestos teóricos de Perrone-Moisés (2000), Tin (2005) y Rodrigues (2015).*

PALABRAS CLAVE: *cartas; Frida Kahlo; correspondência; Diego Rivera.*

Recebido em 24-04-2017

Aceito em 20-08-2017

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Docente do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG).

INTRODUÇÃO

Durante milhares de anos, escrever cartas foi o principal meio (de comunicação) para unir os que estavam ausentes e Frida Kahlo buscou estar sempre presente na vida de Diego Rivera, mesmo que por meio de inúmeras cartas escritas, principalmente, após conhecer o muralista mexicano.

Kahlo misturou arte e vida, tanto em seus retratos e autorretratos, assim como na correspondência. Inicialmente, cartas e anotações deixadas como uma forma de desabafo relacionado ao amor, às dores e ao sofrimento, mas que mais tarde se transformariam em documentos e arte, como por exemplo, a carta escrita para Alejandro, no dia 26 de outubro de 1925 e, que por meio dela, podemos identificar uma espécie de solicitação, uma dose de súplica para que ele a visitasse, durante a recuperação, após o acidente de 1925 e, também, escrevesse com mais frequência para ela, porém o maior desejo era estar o tempo todo com seu namorado.

Alex: acabo de receber sua carta hoje, e embora eu a esperasse muito antes, ela me ajudou a afugentar as dores que eu estava sentindo, já que, imagine só, ontem domingo, às nove eles me anestesiaram, com clorofórmio pela terceira vez para abaixar o tendão no meu braço que, como eu já disse, está contraído, mas quando o efeito do clorofórmio passou, o que foi às dez horas, eu berrei até as seis da tarde, quando então me deram uma injeção de Sedol que não adiantou nada, já que as dores continuaram embora um pouco menos intensas, depois me deram cocaína e foi assim que as dores sumiram um pouco. [...] Ouça, Alex quero que você me diga que dia vai vir porque se acaso um bando de estúpidos quiser vir no mesmo dia eu não vou recebê-los porque quero conversar só com você e mais ninguém. [...] Alex venha rápido, o mais rápido que puder, não seja tão cruel com a sua *chamaca* que te ama tanto. Frieda (HERRERA, 2011, p. 75-77).

Na carta, há um apelo, um pedido para que Alex visitasse a artista com frequência, mas isso não ocorria com a regularidade que ela desejava. Frida confessa, por meio do que escreve, que necessitava da presença do namorado, não se conformando com essa ausência física existente entre os dois. Para Rodrigues (2015) uma carta,

Possui função comunicativa e expressiva. Enquanto ato comunicativo, ela é a afirmação do diálogo escrito entre remetente e destinatário e, ao mesmo tempo, a constatação da ausência física dos interlocutores na ação comunicativa. Na troca de palavras escritas, o remetente consegue se abrir ao outro, confessar suas angústias e faz conhecer seus segredos. [...] Assim, a carta mostra sentimentos confidenciais que não seriam expostos em um diálogo oral, no qual pressuporia a presença física dos que se comunicam. A escrita, nesse sentido, permite ao remetente se preservar e se reservar e, em decorrência, desvelar ao outro as suas verdades e suas fragilidades guardadas no mais íntimo de seu ser (RODRIGUES, 2015, p. 200).

A artista mexicana buscava, por meio de sua correspondência, estabelecer um diálogo com seu namorado, uma forma de não se sentir sozinha quando estavam distantes, separados fisicamente. Tin (2005) comenta que desde a antiguidade a carta tinha esta função de estabelecer diálogos entres os indivíduos.

Alguns traços comuns parecem unir todas as concepções epistolares da Antiguidade: a carta é definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado. [...] De certo modo, essa definição da carta como diálogo, ou como uma das partes de um diálogo, perpassará praticamente todas as artes epistolares (TIN, 2005, p. 14).

Questões relacionadas ao estado de ânimo presente em uma carta como se fosse um retrato de quem a escreve, manifestando o caráter e o sentimento do escritor, podem ser encontradas, também, nas cartas escritas por Frida Kahlo.

Ao analisarmos a correspondência da pintora mexicana, sobre tudo as cartas, verificamos que em alguns momentos ela produzia algo mais extenso, mas, em outros, “conversas” mais breves (cartas concisas), possivelmente a quantidade se relacionasse ao que ela sentia no momento da produção. Porém, cartas sempre claras, sem enigmas ou rodeios, compartilhando com Alejandro e, mais tarde, com Diego Rivera, o desespero com relação ao

corpo mutilado, assim como alegria, ansiedade, aspirações, paixão e privações.

Na carta escrita em 23 de julho de 1935, mesmo sendo breve, Frida comenta que, entre tantas coisas, o que mais importa é o amor que ela e Rivera sentem um pelo outro. As cartas, para Alejandro, manifestavam paixão, obsessão e posse, mas, aquelas escritas para Diego, eram mais intensas.

23 de julio de 1935. Coyoacán^{2/3}.

Diego

Cierta carta que vi de casualidad en cierto saco de cierto señor. [...] Por qué seré tan mula y rejega de no entender que las cartas, los líos con enaguas, las profesoras de inglés, las modelos gitanas, las ayudantes de "buena voluntad" y todas otras significan solo vaciladas, y que en el fondo tu y yo nos queremos tanto [...] siempre nos queremos. Creo que lo que pasa es que soy un poco zorrilla, pues todas esas cosas han pasado y se han repetido durante los años que vivimos juntos y todas las rabias que he hecho no me han llevado uno a comprender mejor que te quiero más que a mi propia piel y aunque tu no me quieres de igual manera, de todos modos me quieres ¿no? O si no es cierto, siempre me quedará la esperanza de que sea así y con eso me conformo.

Quiéreme tantito. Te adoro. Frida.^{4/5}

O discurso de apelo e convencimento presentes nas cartas e anotações da artista para Alejandro deu lugar ao amor e à esperança de que algo eterno estaria iniciando, pelo menos na maior parte dos textos iniciais escritos, por

² Nota do autor: todos os textos em espanhol foram traduzidos, em nota de rodapé, pelo autor do artigo.

³ Nota do autor: partes dos textos escritos por Frida Kahlo apresentam ausência de acentuação, pontuação e, a escrita de algumas palavras, não segue à norma padrão da Língua Espanhola. Os textos originais formam mantidos, sem alterações.

⁴ Disponível em: <<https://www.pinterest.com/karinamoraes58/cartas-a-diego/>> Acesso em: 20 jan. 2017.

⁵ 23 de julho de 1935. Coyoacán.

Diego

Certa carta que vi por casualidade em certo paletó de certo senhor. [...] Por que serei tão rebelde e teimosa de não entender que as cartas, as bagunças com anáguas, as professoras de inglês, as modelos ciganas, as ajudantes de 'boa vontade' e todas outras significam somente bobearias, e que no fundo você e eu nos amamos tanto [...] sempre nos amamos. Acredito que o que passa é que sou um pouco romântica, pois todas essas coisas passaram e se repetiram durante os anos em que vivemos juntos e todas as raivas que tive não me fizeram compreender melhor que eu te amo mais que a minha própria pele e mesmo que você não me ame de igual maneira, de qualquer forma você me ama, não? Ou se não é certo, sempre ficará em mim a esperança de que seja assim e com isso eu me conformo.

Ama-me um pouquinho. Adoro você. Frida. (Tradução nossa).

ela, para Diego. Para o namorado, Frida contava, normalmente, o que sucedia no cotidiano, mas, para Rivera, a intenção era manifestar o amor infinito. Nesta carta, há, ainda, um exame de consciência sobre as atitudes da artista relacionado a si. Sobre as intenções presentes nas cartas, Foucault (2012) nos esclarece que,

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana. Relatar o seu dia – não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância uma actividade, mas a qualidade de um modo de ser – faz parte da prática epistolar. [...] Parece ter sido na relação epistolar – e por consequência, para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro – que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si próprio: relato da banalidade quotidiana, relato das ações correctas ou não, do regime observado, dos exercícios físicos ou mentais aos quais cada um se entregou (FOUCAULT, 2012, p. 155-157).

As questões relacionadas ao exame de consciência de Frida sobre si neste momento de sua existência também podem ser percebidas na carta para Diego escrita em 8 de dezembro de 1938, momento em que Frida estava em Nova Iorque. Ela manifesta, ainda, certa gratidão pelo carinho e pelo amor de Diego Rivera e, em muitas cartas de Frida para Diego encontramos repetições, ou seja, em vários momentos ela escreve sobre as mesmas coisas, sobre o seu amor transcendental por Rivera. Sobre isso, assim como Tin (2005), Tiago C. P. dos Reis Miranda (2000, p. 48) escreve que “aconselham-se como normas gerais, a brevidade, a clareza e a propriedade, que supõem a ausência de repetições e enfeites, a supressão de rodeios e a escolha de uma linguagem simples, mas precisa”. Na carta que segue de forma muito precisa e simples, a artista manifesta gratidão pela forma como Diego a tratava. Um discurso construído de forma a entender que ela fora quase que resgatada pelo pintor mexicano.

Niño mio – de la gran ocultadora

PARIS – Coyoacan D.F. 8 de Dic. De 1938 N.Y.

Son las seis de la mañana y los guajolotes cantan, Calor de humana ternura
Soledad acompañada – Jamás, en toda la vida olvidaré tu presencia Me acogiste
destrozada y me devolviste entera íntegra En ésa pequeña tierra dónde pondré la
mirada? ¡Tan inmensa tan profunda! Ya no hay tiempo, ya no hay nada distancia.
Hay ya solo realidad Lo que fue, fue para siempre! Lo que es, son las raíces que
se asoman transparentes transformadas En árbol frutal eterno Tus frutos ya das
sus aromas tus flores dan su color creciendo con la alegría de los vientos y la flor.
Nombre de Diego. Nombre de amor. No dejes que le dé sed al árbol que tanto te
ama. que atesoró tu semilla que cristalizó tu vida a las seis de la mañana. tu Frida
8 de Dic. 1938 edad 28 años. No dejes que le dé sed al árbol del que eres sol, que
atesoró tu semilla. Es ‘Diego’ nombre de amor⁶ (KAHLO, 1995, p. 270).

Na carta escrita no dia 8 de dezembro de 1938 e presente no diário da artista mexicana, ela faz uso de metáforas para exaltar ao seu grande amor, Rivera, comparando-o a uma árvore que deve ser cuidada e cultivada para que produza os frutos. Michel Riaudel (2000) traz algumas considerações sobre o diário e a carta.

A publicação do diário significava uma cumplicidade do eu, desdobrado: aquele que se mostra e aquele que se contempla olhando e se mostrando. Na carta, pelo contrário, ninguém se mira nem se exhibe, o pudor lacrado é que manda. Portanto, o que o leitor capta indevidamente não está olhando para ele, mas tem a ver com ele (RIAUDEL, 2000, p. 97-98).

A transferência da preocupação do escritor consigo para com o outro (para o destinatário) é algo característico de uma carta. Sobre isso, Riaudel (2000) esclarece que,

⁶ Meu menino – da grande ocultadora.

PARIS – Coyoacán D.F. 8 de Dez. de 1938 N.Y.

São seis da manhã e os perus cantam, calor de ternura humana, solidão acompanhada – jamais, em toda a vida esquecerei a sua presença. Você me acolheu destruída e me devolveu inteira, íntegra. Nessa pequena terra, para onde olharei? Tão imensa tão profunda! Já não há tempo, já não há nada, distância. Já há somente realidade. O que foi, foi para sempre. O que é, são as raízes que se mostram transparentes transformadas. Em árvore de frutas eternas. Seus frutos já dão seus aromas, suas flores dão sua cor crescendo com alegria dos ventos e a flor. Nome de Diego. Nome de amor. Não deixe que a árvore que você tanto ama passe sede. Que entesourar sua semente que cristalizou sua vida às seis da manhã. Sua Frida 8 de Dez. 1938 idade de 28 anos. Não deixe que a árvore da qual você é o sol, passe sede, que entesourar sua semente. Você é ‘Diego’ nome de amor. Revolução. A única razão real para viver. (Tradução nossa).

A carta é por excelência o lugar dessa retórica do desvio, em que a literatura finge desaparecer atrás de uma voz gerando um sujeito, em que se trata de seduzir, deixando acreditar que quem escreve poderia estar se esquecendo de si mesmo e se voltando todo para o outro (RIAUEDEL, 2000, p. 99).

Além do amor e da gratidão presentes no diário de Frida e, conseqüentemente, nas cartas, a preocupação com Diego era evidente e, como exemplo disto, Frida escreve para Diego, de Paris, em 1939. Nesta carta, ainda, ela apresenta a decepção que teve com o ‘jeito’ das pessoas que conheceu em Paris. A pintora não deixa, jamais, de repetir o tamanho do amor por Rivera.

París, 1939

Querido Diego:

¿Cómo estás, barrigón? ¿Por qué no me dijiste que París sería una pesadilla? Los franceses son la gente más pretenciosa del y aburrida del mundo. Preferiría sentarme en el suelo de un mercado en Toluca vendiendo tortillas a tener escuchar la cháchara de las perras artísticas de París.

En realidad no ha habido tanto interés por la exposición como prometió Bretón. Aquí los artistas mejicanos no somos más que una curiosidad exótica. En general, he estado muy sola y me muero por recibir noticia de casa.

Diego, esta carta es una mentira. París se ha portado bien conmigo, pero sin ti no significa nada. Toda la rabia de nuestros doce años juntos pasa a través de mí y me deja con el convencimiento de que te amo más que a mi propia piel. Y aunque tú no me ames tanto, sí me amas un poquito, ¿no? Si esto no fuera cierto, siempre tendré la esperanza de que podría serlo.

Te adoro,

Frida^{7/8}.

⁷ Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/cartas-a-diego-rivera>> Acesso em: 27 jan. 2017.

⁸ Paris, 1939.

Querido Diego:

Como você está, barrigudo? Por que você não me disse que Paris seria um pesadelo? Os franceses são as pessoas mais pretenciosas e chatas do mundo. Eu iria preferir me sentar no chão de um mercado em Toluca vendendo tortilhas a ter que escutar as conversas das “cachorras” artísticas de Paris.

Na realidade, não houve tanto interesse pela exposição como Bretón prometeu. Aqui, os artistas mexicanos não são mais de que uma exótica curiosidade. Em geral, estive muito sozinha e morro de vontade de receber notícias de casa.

Diego, esta carta é uma mentira. Paris se portou bem comigo, mas sem você não significa nada. Toda a raiva de nossos doze anos juntos passa através de mim e me deixa com o convencimento de que amo tanto você, mais que a minha própria pele. E mesmo que você não me ame tanto, se me ama um pouquinho, não? Se isto não fosse certo, sempre terei a esperança de que poderia sê-lo.

Adoro você,

Frida. (Tradução nossa).

Ao considerarmos esta carta escrita quando Frida estava em Paris, em 1939, percebemos que ela estabelece com o muralista diversos tipos relações íntimas, principalmente, amorosas e de amizade.

Frida sentia-se livre ao produzir sua arte ou escrever suas cartas e/ou fazer anotações sobre o que vivia, sendo que o único sentimento de privação era com relação à dor física que muitas vezes a impossibilitava de muitas coisas. As missivas, por ela escritas, apresentavam subjetividade, hibridismo e sinceridade. Hoje, ao lê-las, temos a sensação de um contato direto com Frida e Diego. Rodrigues (2015) coloca que,

A epistolografia, então, possibilita ao leitor adentrar na interioridade das personagens, rompendo com o estilo clássico e permitindo ao leitor ter a impressão de estar em contato direto com o mundo privado das personagens interlocutoras do discurso em questão. [...] Vale lembrar que o gênero textual carta não é uma escrita somente de caráter literário, pois que traduz a necessidade de comunicação entre os indivíduos. [...] No contexto geral, é evidente na escrita epistolar o olhar do sujeito sobre si mesmo. O remetente expõe suas intimidades, tira suas máscaras e seus véus. Ela traduz a emotividade do sujeito em um tempo presente ou em um passado próximo (RODRIGUES, 2015, p. 202-203).

A pintora mexicana traz presente e passado em várias cartas escritas para Rivera. Porém, sempre manifestando a dimensão de seu carinho e sentimento por ele.

Agosto, 19 de 1939.

Mi niño,

Hoy hace diez años que nos casamos, tú seguramente ni siquiera recordarás el día ni la fecha ni nada. Yo sí. Ahí le mando esas flores y en cada una un montón de besos y el mismo cariño de toda la vida.

Hoy en la mañana me acordé de aquella cuando desperté y dije: ¡Zócalo! Ya es rete tarde para irme a la escuela!. (20 de Agosto de 1929)

te adora tu

Frida^{9/10}.

⁹ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/22940279328656923/>> Acesso em: 27 jan. 2017.

¹⁰ Agosto, 19m de 1939.

Meu menino,

Hoje faz dez anos que nos casamos, você seguramente nem sequer lembrará o dia nem a data. Eu sim. Aí, mando-lhe essas flores e em cada uma um montão de beijos e o mesmo carinho da vida toda.

Mesmo nos momentos em que o relacionamento parecia insustentável, normalmente por conta da infidelidade de Diego, e mesmo não desejando vê-lo mais, nunca mais, Frida jamais deixou de se preocupar como seu “niño” encaminharia a vida sem ela por perto.

11 de junio de 1940

Mi Diego:

Ahora que hubiera dado la vida por ayudarte, resulta que son otras las ‘salvadoras’... Pagaré lo que debo con pintura, y después aunque trague yo caca, haré exactamente lo que me dé la gana y a la hora que quiera... Lo único que te pido es que no me engañes en nada, ya no hay razón, escíbeme cada vez que puedas, procura no trabajar demasiado ahora que comiences el fresco, cuídate muchísimo tus ojitos, no vivas solito para que haya alguien que te cuide, y hagas lo que hagas, pase lo que pase, siempre te adorará tu Frida^{11/12}.

A pesar de ter escrito inúmeras cartas ao pintor mexicano, Frida tinha um estilo semelhante em praticamente toda obra escrita, falando sobre o amor infinito, sobre acontecimentos passados e comparando Rivera a um Deus, o Deus dela.

Assim como em quase todas as suas cartas e anotações destinadas ao muralista, Frida inicia o que escreve, simplesmente com o nome dele, Diego, deixando evidente o sentimento e o quanto ele era “grandioso” para ela.

Diego:

Mi amor, hoy me acordé de ti aunque no lo mereces tengo que reconocer que te amo. Cómo olvidar aquel día cuando te pregunté sobre mis cuadros por vez primera. Yo chiquilla tonta, tú gran señor con mirada lujuriosa me diste la

Hoje pela manhã me lembrei daquela quando acordei e disse: Zócalo! Já é muito tarde para ir à escola!. (20 de Agosto de 1929)

Sua Frida adora você. (Tradução nossa).

¹¹ Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/cartas-a-diego-rivera>> Acesso em: 27 jan. 2017.

¹² 11 de junho de 1940.

Meu Diego:

Agora que a vida permitiu que eu pudesse ajudar você, resulta que são outras as ‘salvadoras’... Paguei com a pintura o que eu devo, e depois, mesmo que faça alguma bobagem, farei exatamente o que me dê vontade e na hora que eu queira... A única coisa que eu peço a você é que não me engane, já não há razão, todas as vezes que você possa me escreva, procure não trabalhar demasiado agora que o inverno começa, cuide muito dos seus olhos, não viva sozinho para que tenha alguém para cuidar de você, y faça o que faça, passe o que passe, sempre a sua Frida adorará você. (Tradução nossa).

respuesta aquella, para mi satisfacción por verme feliz, sin conocerme siquiera me animaste a seguir adelante. Mi Diego del alma recuerda que siempre te amaré aunque no estés a mi lado. Yo en mi soledad te digo, amar no es pecado a Dios. Amor aún te digo si quieres regresa, que siempre te estaré esperando. Tu ausencia me mata, haces de tu recuerdo una virtud. Tú eres el Dios inexistente cada que tu imagen se me revela. Le pregunto a mi corazón por qué tú y no algún otro. Suyo del alma mía.¹³ Frida K.¹⁴

Seguindo, ainda, o que Tin (2005) nos explica sobre as aspirações de um escritor de cartas, encontramos nas anotações retiradas do diário da artista, metáforas, inteligência, vocabulário da língua cotidiana, porém nada de brevidade, pois, ao falar sobre Diego Rivera, Frida não tinha limites, tampouco aparente eloquência coesa.

Entender o amor que Frida sentia por Diego é, talvez, algo impossível. Leyla Perrone-Moisés (2000) escreve que compreender um amor sempre será um objetivo em vão; ao considerarmos a complexidade do autor em questão, tentar entender a sua obra à luz da correspondência por ele deixada seria uma pretensão que não se pode medir. Perrone-Moisés (2000) nos diz, ainda, que alguns dados biográficos são necessários para compreender as cartas, mas insuficientes para que possamos compreender um amor. Para Frida Kahlo não havia distância entre ela e Diego e o desejo era ser o centro de tudo na vida dele, assim como ele o era para a pintora.

Tu lo entiendes todo. La unión definitiva. Sufres gozas amas rabias besas ries. Nacemos para lo mismo. Querer descubrir y amar lo descubierto. oculto. Con el dolor de siempre perderlo. Eres bello, tu belleza yo te la doy. Suave en tu enorme tristeza. Amargura simple. Arma contra todo lo que no te libra. Rebelión con todo lo que te encadena. Te amas. Quiereme como centro. yo como a ti. No lograré más

¹³ Diego: Meu amor, hoje me lembrei de você, mesmo que você não o mereça tenho que reconhecer que eu amo você. Como esquecer aquele dia em que lhe perguntei sobre meus quadros pela primeira vez. Eu pequenina, boba, você grande, senhor com luxuosa olhada me deu aquela resposta, para minha satisfação para me ver feliz, sem sequer me conhecer me animou para seguir adiante. Meu Diego da alma, lembra que sempre amarei você mesmo que não esteja ao meu lado. Eu em minha solidão lhe digo, para Deus amar não é pecado. Amor, ainda lhe digo se quiser volte, que sempre estarei esperando por você. Sua ausência me mata, faz da sua lembrança uma virtude. Você é o Deus inexistente e cada imagem sua me revela isso. Eu lhe pergunto ao meu coração por que você e não outro. Seu de minha alma. (Tradução nossa).

¹⁴ Disponível em: <http://www.revistadeartes.com.ar/revistadeartes-43/lit_cartas-de-frida-a-diego.html> Acesso em: 11 jan. 2017.

que un recuerdo prodigioso de que que pasaste por mi vida dejando joyas que no recojeré sino cuando te hayas ido. No hay distancia. Hay tiempo. Oyeme acariciame con lo que busques y con lo encontrado. Me voy a ti y a mi. Como toda la canción mirada¹⁵ (KAHLO, 1995, p. 230).

A data de 22 de janeiro de 1947 é uma das poucas que aparecem no diário da pintora mexicana e a única data anterior a esta é a de 13 de julho de 1945, dezoito meses depois. Segundo o diário, mesmo que não apareça nesta anotação de 1947, durante este período (entre uma data e outra) Frida passou por diversas intervenções cirúrgicas e produziu algumas obras em torno da doença, como por exemplo, *El venadito*¹⁶ (1946). Durante os momentos em que o corpo “a traia”, a pintora não deixava de falar sobre Diego Rivera, exaltando-o.

Hoy miércoles 22 de enero de 1947

Tú me llueves – yo te cielo Tú la finura, la niñez, la vida – amor mio – niño – viejo madre y centro – azul – ternura – Yo te entrego mi universo y tu me vives Eres tú a quien amo hoy. = te amo con todos los amores te daré el bosque con una casita dentro con todo lo bueno que haya en mi construcción, tu vivirás contento. Aunque yo te dé siempre mi soledad absurda y la monotonía de toda una complejísima diversidad de amores - ¿quieres? Hoy amando los principios y tú amas-te a tu madre¹⁷ (KAHLO, 1995, p. 232).

Foucault (2012) afirma que a intenção de um escritor de cartas é, também, tornar presente a imagem do destinatário. Conforme as anotações

¹⁵ Você não entende tudo. A união definitiva. Você sofre, goza, ama, raivas, beija, ri. Nascemos para o mesmo. Querer descobrir e amar o descoberto. Oculto. Com a dor de sempre perdê-lo. Você é belo, sua beleza eu a dou para você. Suave em sua enorme tristeza. Simples amargura. Arma contra tudo o que não livra você. Rebelião com tudo o que lhe encanta. Você se ama. Ama-me como centro. Eu como a você. Não conseguirei mais que um recurso prodigioso de que que passou por minha vida deixando joias que não recolherei senão quando você já terá ido embora. Não há distancia. Há tempo. Escute-me, acaricia-me com o que você busca e com o encontrado. Vou a você e a mim. Como toda canção olhada. (Tradução nossa).

¹⁶ O cervo. (Tradução nossa).

¹⁷ Hoje, quarta-feira, 22 de janeiro de 1947.

Você chove em mim – eu o céu em você. Você a finura, a infância, a vida – meu amor – menino – velho, mãe e centro – azul – ternura – Eu entrego meu universo a você e você me faz viver. Você é quem eu amo hoje. – Amo você com todos os amores lhe darei o bosque com uma casinha dentro com o melhor que existe em minha construção, você viverá contente. Mesmo que eu sempre lhe darei minha absurda solidão e a monotonia de toda uma muito complexa diversidade de amores – Você quer? Hoje amando os princípios e você ama a você sua mãe. (Tradução nossa).

que seguem e que aparecem no diário da artista, havia um Diego que simbolizava vários “Diegos” para ela. Rodrigues (2015) comenta sobre os desdobramentos do receptor/destinatário presentes no imaginário do escritor/emissor.

A epístola é o lugar onde se expõe a interioridade de um sujeito de escrita. Tal sujeito se apresenta afetado pelas dores do mundo, pela ausência do ente amado ou pela própria angústia existencial, de caráter sociológico, psicanalítico e, ainda, filosófico. Pela escrito, o sujeito vai compondo a imagem de si, do outro e do mundo, segundo sua faculdade imaginária. Por isso, o discurso epistolar surge em fragmentos desordenados, obediente, único e exclusivamente a uma ordem interior e subjetiva daquele que se escreve (RODRIGUES, 2015, p. 209).

Diego Rivera, presente no imaginário e na interioridade de Frida Kahlo, aparece descrito nas anotações que seguem, nas quais ela demonstra esse Diego que representava tudo para ela, mas que não pertence, tampouco pertencerá à artista mexicana.

Porqué le llamo mi Diego? Nunca fue ni será mio. Es de él mismo. corriendo a todo dar... Diego principio Diego constructor Diego mi niño Diego mi novio Diego pintor Diego mi amante Diego ‘mi esposo’ Diego mi amigo Diego mi madre Diego mi padre Diego mi hijo Diego = Yo = Diego Universo Diversidad en la unidad¹⁸ (KAHLO, 1995, p. 235).

A adolescência e a vida (adulta) de Frida foram transformadas pelas presenças de Alejandro e do muralista, assim como a infância da pintora foi marcada pela figura de uma amiga imaginária, muitos encontros descritos em quatro páginas no diário da artista. Possivelmente, conforme o diário, uma das mais íntimas e reveladoras passagens no documento e, sobre isto, ela escreve (no diário) em 1950, sentindo grande alívio ao registrar essa lembrança vivida na infância. Ao realizar o registro, ainda de acordo com

¹⁸ Por que amo meu Diego? Nunca foi nem será meu. É dele mesmo. Correndo a dar-lhe tudo a ele. Diego princípio, Diego construtor, Diego meu menino, Diego meu noivo, Diego pintor, Diego meu amante, Diego ‘meu esposo’, Diego meu amigo, Diego minha mãe, Diego meu pai, Diego meu filho, Diego = Eu = Diego universo, diversidade na unidade. (Tradução nossa).

seu diário, Frida Kahlo narra com detalhes o acesso a esse mundo fantástico, no qual ela e sua amiga imaginária se encontram, por meio de uma das janelas de seu quarto.

Na carta de 11 de fevereiro de 1954, poucos meses antes da morte da pintora, ela escreve de forma a confessar o que sente e deseja fazer. Sobre isto, Rodrigues (2005) comenta que,

Na escrita epistolar a personagem encontra o espaço para confissão de seu drama amoroso e para dar livre expansão à sua dor e sensibilidade. A palavra, o ato de escrita serve de mediação entre os sujeitos, e seus sentimentos. Cria-se, então, um sentido, ao mesmo tempo, de conforto ou de alívio e de catarse (RODRIGUES, 2015, p. 208).

Na carta de abril de 1954, Frida novamente expressa agradecimento a Diego e aos médicos pelo tempo que tenham se dedicado para que ela recuperasse a saúde. Por meio desta carta, a pintora decide contar parte da história de vida, revelando especial lucidez e acredita ter vivido de forma plena, buscando superar as barreiras físicas impostas pelo corpo após o acidente de 1925.

Abril 27 – 1954

Salí sana – Hice la promesa y la cumpliré de jamás volver atrás. Gracias a Diego [...] Gracias a mí misma y a mi voluntad enorme de vivir entre todos los que me quieren y para los que yo quiero. Que viva la alegría da vida, Diego [...] y todas las enfermeras que he tenido en mi vida que me han tratado maravillosamente bien. Gracias porque soy comunista y lo he sido toda mi vida. Gracias al pueblo [...] de México, sobre todo el de Coyoacán donde nació mi primera célula, que se incubó en Oaxaca, en el vientre de mi madre, que había nacido ahí, casada con mi padre, Guillermo Kahlo – mi madre Matilde Calderón, morena campanita de Oaxaca. Tarde maravillosa que pasamos aquí en Coyoacán [...] Esquema de mi vida. 1910. – Nací en el cuarto en la esquina entre Londres y Allende Coyoacán. A la una de la mañana. [...] Mi niñez fue maravillosa porque mi padre era un enfermo [...] fué un inmenso ejemplo para mi de ternura de trabajo [...] y sobre todo de comprension para todos mis problemas que desde los cuatro años fueron ya de indole social¹⁹. [...] (KAHLO, 1995, p. 279-282).

¹⁹ Abri 27 – 1954.

Considerando, ainda, algumas informações presentes na carta de abril de 1954, temos a impressão que a pintora se despede de Rivera e das pessoas, pois retorna à infância, fala de seu povo agradecendo-lhe, relembra de seus pais, sobretudo o exemplo de Guillermo Kahlo diante de uma existência de convalescência, assim como a artista, faz referência ao partido comunista que tão bem a acolhera e a respeitara, além de ter se sentido acolhida e cuidada de forma maravilhosa pelas enfermeiras que passaram por sua vida. Porém, de acordo com a última missiva escrita por Frida e analisada neste trabalho, a pintora se posiciona com uma dose de indiferença quando se refere aos pensamentos “do mundo” sobre ela, sobre a forma como se portou em seu país e fora dele e, ainda, sobre o que as pessoas pensavam sobre a arte que ela produzia.

Me importa una mierda lo que piense el mundo. [...] Yo nací pintora, yo nací jodida. Pero fui feliz en mi camino. Tu no entiendes lo que soy. Yo soy amor, soy placer, soy esencia, soy una idiota, soy una alcohólica, soy tenaz. Yo soy, simplemente soy...^{20/21}.

A intensão desta última carta, possivelmente, era deixar claro para Diego que, para ela, o que tinha valor, transcendia o que importava para a

Sai sã – Fiz a promessa e a cumprirei de jamais voltar atrás. Graças a Diego [...] Graças a mim mesma e a minha vontade enorme de viver entre todos os que me amam e para os que eu amo. Que viva a energia da vida, Diego [...] e todas as doenças que eu tive em minha vida que me trataram maravilhosamente bem. Obrigado porque sou comunista e o fui em toda minha vida. Obrigado ao povo [...] do México, sobretudo o de Coyoacán onde nasceu minha primeira célula, que se incubou em Oaxaca, no ventre de minha mãe, que tinha nascido aí, casada com meu pai, Guillermo Kahlo – minha mãe Matilde Calderón, morena do interior de Oaxaca. Tarde maravilhosa que passamos aqui em Coyoacán [...] Esquema de minha vida. 1910. – Nasci no quarto da esquina entre as ruas Londres e Allende, em Coyoacán. A uma da manhã. [...] Minha infância foi maravilhosa porque meu pai era um doente [...] foi um imenso exemplo de ternura e de trabalho para mim [...] e sobretudo de compreensão para todos os meus problemas que desde os quatro anos já foram de índole social. [...] (Tradução nossa).

²⁰ Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/cartas-a-diego-rivera>> Acesso em: 27 jan. 2017.

²¹ A mim não me importa nada o que o mundo pense. [...] Eu nasci pintora, eu nasci ferrada. Mas fui feliz em meu caminho. Você não entende o que eu sou. Eu sou amor, sou prazer, sou essência, sou uma idiota, sou uma alcoólica, sou tenaz. Eu sou, simplesmente sou... Você é uma porcaria.

maior parte das pessoas da época. Rivera e Kahlo tinham pensamentos afins, quando tratavam de questões sociais e relacionadas à arte.

Ao analisarmos a correspondência produzida por Frida Kahlo, compreendemos que ela nos deixou duas formas de autorretratos: as pinturas e as cartas.

A artista “se mostrou” por meio do que escreveu, evidenciando uma vida de renúncias, amores ora correspondidos e ora não, paixões, corpo transformado pelo acidente na adolescência, questões presentes e vivas em seus quadros e suas cartas.

A análise do legado manuscrito da artista mexicana resulta tão apaixonante e intrigante como sua obra pictórica, não somente pela vasta quantidade de materiais, mas pela forma pela qual as escrituras evoluíram e foram se alterando com o tempo, levando em consideração o desenvolvimento de sua personalidade, as condições de sua saúde cada vez mais precária e a forte carga emocional que a pintora imprimia em cada correspondência, assim como em seus quadros.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: _____. O que é um autor. Lisboa: Vega Passagens, 2012.

HERRERA, Hayden. **Frida**: a biografia. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

KAHLO, Frida. **El Diario de Frida Kahlo**: un íntimo autorretrato. Cidade do México: La Vaca Independiente, 1995.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa do século XVIII. GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIAUDEL, Michel. Correspondência secreta. GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, Maria Aparecida. **As formas épicas de escrita do eu.** Curitiba, PR: CVR, 2015.

TIN, Emerson. **A arte de escrever cartas:** Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lipsis. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.